

Desigualdade cai e renda melhora

(NÃO ASSINADO)

RADIOGRAFIA DO BRASIL

A queda na desigualdade e o aumento do emprego e da renda ajudaram a diminuir a pobreza no País. Em Pernambuco, rendimento cresceu 17,6%

RECIFE e RIO – A queda na desigualdade, a melhoria no mercado de trabalho e a pequena elevação na renda contribuíram para a redução da pobreza no País. Segundo estudo do professor Marcelo Neri, chefe do centro de políticas sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a parcela da população abaixo da linha da pobreza caiu de 18,26% em 2007 para 16,02% no ano passado. Isso significa que 3,8 milhões de pessoas saíram da pobreza no período. Em termos relativos, a redução foi de 12,27%, segundo a análise da FGV baseada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2008, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com este resultado, a população pobre em setembro de 2008 somava 29,3 milhões de pessoas.

Em Pernambuco o total do rendimento das pessoas, em 2007, que era de R\$ 375, na média, passou para R\$ 441 no ano passado, num crescimento de 17,6%. Nas ruas os trabalhadores confirmam o que a Pnad atesta: o poder aquisitivo realmente deu uma melhorada. “Minha renda melhorou em relação aos anos anteriores”, afirma o vendedor de sapatos Joás da Silva. Na sua opinião, a melhoria da renda se deu porque o consumidor está comprando mais. “As vendas estão melhores e, com isso, a comissão aumenta. Passei a usufruir de coisas que não tinha condições anteriormente. Por exemplo, viajei com a minha família e comprei dois eletrodomésticos, um deles uma máquina de lavar”, afirmou Silva.

Além da renda, os pernambucanos passaram a ter mais acesso ao mercado de trabalho. Segundo os dados do IBGE, o aumento do pessoal ocupado cresceu 2,6%, passando de 3,65 milhões de pessoas para 3,74 milhões. Desse total, 1,91 milhão estava empregado de alguma forma, contra 1,84 milhão em 2007. Além disso, de todo esse pessoal, 897 mil estavam com carteira assinada, contra 895,7 mil de 2007, num crescimento de 0,2%. Ou seja, 1.320 pessoas a mais no mercado de trabalho com carteira assinada.

Para o trabalhador doméstico também houve melhora, mas aconteceu um fenômeno diferente. Houve aumento de 5,2% na massa de empregados, mas uma diminuição no número de carteiras assinadas, passando de 51.430 para 46.310. Para o analista Guilherme Fortuna, a diminuição da carteira assinada entre os trabalhadores domésticos pode ter relação com o aumento do salário mínimo.

DESIGUALDADE

Segundo a Pnad 2008, no ano passado, os 10% mais ricos da população detinham 42,7% dos rendimentos do trabalho no País, enquanto os 10% mais pobres ficavam com apenas 1,2% da riqueza. O dado positivo é que o índice de Gini para o rendimento do trabalho teve um pequeno recuo, de 0,528 em 2007 para 0,521 em 2008. Este índice mede a desigualdade na distribuição da renda e oscila entre 0 e 1. Quanto menor, melhor é o indicador.

Ou seja, quanto mais próximo de zero, menor é a desigualdade. Mas no ano anterior, a queda havia sido maior, de 0,541 em 2006 para 0,528 em 2007. No Centro-Oeste, região com a maior desigualdade, o índice de Gini se manteve sem alteração entre 2007 e 2008, em 0,552. A desigualdade na região é influenciada pelos rendimentos mais elevados em Brasília.

A desigualdade também se manteve estável no Nordeste. O índice de Gini na região passou de 0,547 em 2007 para 0,546 em 2008. Na distribuição da riqueza pelas diferentes faixas de renda da população, os 10% mais ricos continuam concentrando mais de 40% do rendimento do trabalho. Desde 2005, no entanto, o percentual segue trajetória de queda.

CRIANÇAS

A taxa de ocupação de crianças e adolescentes de cinco a 17 anos caiu de 10,8% em 2007 para 10,2% no ano seguinte, de acordo com os dados divulgados pelo IBGE. O resultado significa que, em 2008, 367 mil pessoas desta faixa etária deixaram de trabalhar, em comparação ao ano anterior. A tendência de redução no trabalho infantil vem se mantendo desde 2006. O ritmo da queda, no entanto, não agrada a especialistas. Segundo a pesquisa, 4,5 milhões de crianças e adolescentes estavam ocupadas no ano passado.